

Resenha do filme Meu Amigo Nietzsche

Imagem 1 – Cena do filme Meu Amigo Nietzsche¹.



O curta metragem *Meu Amigo Nietzsche*² produzido no ano de 2002 na direção de Fáuston da Silva³, com apoio do Ministério da Cultura, conta a história do menino Lucas e sua dificuldade em ler e tirar boas notas na escola pública em que estudava.

O enredo ocorre na periferia do Distrito Federal, onde predominam as desigualdades sociais e o abandono do poder público. Ali, vive e estuda uma criança que estava prestes a repetir de ano por conta de suas notas baixas. No entanto, em um dia ao sair da escola triste pela professora ter chamado a sua atenção, passando por um terreno baldio, Lucas tem um encontro que iria mudar a sua relação com a escola e com o ensino de uma maneira muito profunda.

Assim surge Nietzsche na vida do menino. Em um terreno abandonado onde se espera sujeira e objetos descartáveis, Lucas encontra o livro: Assim falou Zaratustra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. O livro causa curiosidade no menino, que o leva para casa, interessado na história que ali era contada.

¹ Disponível em: < <https://www.rarefilmfinder.com/gallery.php?movie=41854>>.

² O curta acumulou vários prêmios no país. Dentre eles citamos o Festival Internacional de Cinema Infantil, o Festival Curta Brasília e o Festival de Cinema com Farinha do Ceará. A produção dirigida por Fáusto da Silva também faturou importantes prêmios internacionais em festivais da França, Espanha, Alemanha, Suíça, Argentina, Chile e Colômbia.

³ Faústón da Silva é graduado em Audiovisual pela Universidade de Brasília e pós-graduado em produção cinematográfica pela Universidade Estácio de Sá. É produtor, escritor, roteirista e diretor de cinema.

A vida de Lucas não era nada fácil, mas não somente pela pobreza. Vivendo numa família tradicional, religiosa e conservadora, o menino sofria cotidianamente a pressão para apresentar boas notas e passar de série. Porém, a família parecia distanciada do convívio com o menino. Estavam todos ali, debaixo do mesmo teto, entretanto, o diálogo e a convivência eram quase nulos.

Ainda assim Lucas insistiu na leitura do seu mais novo amigo e companheiro: o livro. E não era qualquer livro! Todavia, desmotivado e desestimulado, no caminho que fazia para ir à escola, Lucas decidiu que não valia mais a pena continuar a ler o tal livro e o jogou numa carrocinha de ferro velho. O menino parecia desistir do livro, mas o livro não desistiu dele.

Ao perceber que o menino havia jogado um livro fora, o dono da carrocinha pegou o livro, percebeu que conhecia a história e o chamou. Os dois conversaram por alguns minutos, e o Senhor com uma incrível sabedoria e conhecimento da história, estimulou Lucas a continuar a leitura até o final.

Lucas resolveu então mergulhar no livro e a cada despertar de curiosidade, não hesitava em perguntar aos moradores daquela comunidade o que significava determinadas passagens de Nietzsche. A partir de então, tudo mudou. Sua leitura melhorou, sua fala melhorou, suas notas foram recuperadas. Então, junto com o sucesso, vieram também os questionamentos e os incômodos que Lucas causou em casa e na escola, uma vez que, o pequeno garoto vinha adquirindo um senso crítico e de liderança bastante aguçados.

Lucas se sentia feliz, estimulado e empoderado. No entanto, toda capacidade intelectual de interpretação e liderança do rapaz foram polidos, tratados como “anormalidade” ou “coisa do demônio” pela escola e família. Fizeram de tudo para afastá-lo do livro, até o momento que sua mãe jogou o livro fora, novamente, no mesmo terreno que Lucas o achou.

Triste, decepcionado e revoltado, Lucas vai correndo procurar o seu livro e como no início, o curta termina com o rapazinho achando outro livro, desta vez um novo amigo se apresentava para o potente Lucas. Eram Karl Marx e Friedrich Engels, através do livro Manifesto do Partido Comunista. E assim a história termina...

O curta de Fáuston da Silva, aborda alguns elementos fundamentais para pensarmos a importância de uma pedagogia sensível as particularidades de cada pessoa, que vá além de um sistema tradicional e conservador, onde só importa para nossos

jovens, estudar para provas e tirar boas notas. Uma pedagogia que extrapole os limites da escola e transborde para as comunidades e para dentro da casa dessas crianças.

A história de Lucas, poderia ser somente um conto, mas por diversos momentos, podemos nos pensar refletindo se essa realidade não está presente em nossos espaços de atuação ou até mesmo em nossas famílias.

Na escola, ao mesmo tempo que a professora cobra a leitura e boas notas do rapaz, quando o mesmo se aproxima de algo libertador, existe um estranhamento, como se o garoto tivesse extrapolado as práticas educacionais ditas “neutras”, ou “sem ideologia”, como ouvimos de muitos hoje em dia. A escola precisa ser um lócus privilegiado de construção dos sujeitos, de transformação do mundo e de construção de relações de reciprocidade, como Paulo Freire nos adverte:

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjuguie (2006, p. 45).

Lucas era um jovem sonhador, tinha uma mente fértil, que o permitia criar e imaginar. E esse jeito de ser do menino, o faz mergulhar profundamente na história que lhe era apresentada. Mas precisamos reforçar a importância do conhecimento popular neste processo. A leitura do filósofo alemão, a princípio pode parecer inadequada para uma criança, mas tanto o Senhor que Lucas encontra no caminho, quanto as demais pessoas que o menino vai de encontro ao desenrolar da história, mostram que sim, é possível aprender e estabelecer uma relação de análise crítica da realidade na leitura, através da educação popular. Uma educação que muitas vezes não encontramos entre “doutores” e “mestres” das universidades. Entre aqueles que jamais conseguiram romper os muros das mesmas, numa relação dialética necessária entre teoria e prática.

Por fim, Lucas, como muitas crianças no Brasil, fazia parte de uma família humilde, de pouco estudo, religiosa e conservadora. A pressão que o menino sofria por resultados, como se fosse um trabalhador numa empresa, era grande. Para a sua mãe, a escola se resumia em tirar boas notas, ter bom comportamento e passar de série. Só isso e apenas isso. O distanciamento que muitas vezes existe entre a escola e a família, fica claro no curta. Os pais de Lucas só foram convocados a estar na escola, para ouvir da professora e do diretor, sobre a “rebeldia” do menino, que organizou sua turma para

reivindicar o direito de serem super-heróis. Uma analogia perfeita para a necessidade de se dar voz e estimular o pensamento crítico e a organização estudantil nos espaços escolares.

O pai de Lucas, parecia muito distante, não se envolvia com as questões escolares, e sobrava para a sua mãe, evangélica, a missão de doutrinar o menino para que não saísse da linha. O rapaz foi inclusive levado a igreja, para tirar o demônio do seu corpo, por conta de seu pensamento subversivo, graças ao seu mais novo amigo Zaratustra.

Por fim, a grande lição que o curta nos passa é a necessidade de uma educação que liberte. A necessidade de uma escola que ouça seus alunos, ou ainda de famílias que compreendam suas crianças e de comunidades que cuidem de seus vizinhos.

Tudo isso, dentro do processo pedagógico de ensino-aprendizagem, na construção do sujeito, só é possível através de uma pedagogia que entenda, ouça, se preocupe e valorize o ser humano. Que entenda a complexidade das questões sociais, que considere as vulnerabilidades de comunidades dominadas pela miséria e pelo abandono estatal e que entenda a família como local privilegiado de ensino, da prática, do afeto, da proteção, da comunhão.

Não queremos mais uma pedagogia fria e metódica, que se limite a colocar seus alunos numa sala, coloque os exercícios no quadro, dê notas de comportamento, promova avaliações complexas, não considere as angustias e problemas emocionais de nossas crianças, como se todos fossem robôs programados para o trabalho, ou para servir ao capitalismo. Precisamos hoje e cada vez mais e de forma urgente da pedagogia social, como nos alerta Margareth Martins:

A pedagogia social é a pedagogia da humanidade. Se a gente não percebe isso, vai limitar nossa ação a fechar o diário, dar a matéria, fazer a prova e dar nota, e não é só isso. O sistema capitalista no qual estamos envolvidos tem feito com que as pessoas não queiram conviver (2019).

Recomendo fortemente o premiado curta Meu Amigo Nietzsche a todos que querem mergulhar nesta jornada de transformação da educação no Brasil através de uma pedagogia do amor, da convivência e da proximidade. É necessário cada vez mais estimular este debate nos espaços escolares e não escolares de formação e ensino.

Por Gabriel Martins dos Santos⁴.

Referência bibliográfica:

CUPOLILO, Fernanda. É preciso coração para fazer uma revolução: projeto da UFF discute urgência de se pensar sobre populações de excluídos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 24 de abr. de 2019. Disponível em: <<http://www.uff.br/?q=noticias/24-04-2019/e-preciso-coracao-para-fazer-uma-revolucao-projeto-da-uff-discute-urgencia-de-se>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TV Brasil apresenta o premiado curta "Meu amigo Nietzsche" nesta sexta (23). Empresa Brasileira de Telecomunicação, 2016. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/institucional/sobre-a-ebc/noticias/2016/09/tv-brasil-apresenta-o-premiado-curta-meu-amigo-nietzsche-nesta-sexta-23>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

⁴ Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Educador Social e Pesquisador Extensionista em Pedagogia Social pela Faculdade de Educação da UFF.